



4214 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT11 - Política da Educação Superior

A Mercadorização do Ensino Superior e a produtividade acadêmica: a condição organizacional da universidade contemporânea
Izandra Falcão Gomes - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - FUNACE

Resumo

Este artigo é decorrente da pesquisa bibliográfica, etapa de uma investigação de doutoramento cuja metodologia é um estudo de caso ampliado. Tem como tema A Mercadorização do Ensino Superior e a produtividade acadêmica: a condição organizacional da universidade contemporânea no qual abordamos as interfaces entre a globalização econômica, o reposicionamento do mercado e a força exercida sobre as universidades públicas. O objetivo é refletir sobre a atual condição organizacional da universidade frente às pressões da nova ordem capitalista e globalizada. Para o alcance desta empreitada retomamos a revisão de literatura e nela o fundamento para apontar indícios do deslocamento do *ethos* universitário à lógica do mercado.

Palavras chaves: Ensino Superior. Produtividade Acadêmica. Mercadorização da Universidade.

A Mercadorização do Ensino Superior e a produtividade acadêmica: a condição organizacional da universidade contemporânea

Resumo

Este artigo é decorrente da pesquisa bibliográfica, etapa de uma investigação de doutoramento cuja metodologia é um estudo de caso ampliado. Tem como tema A Mercadorização do Ensino Superior e a produtividade acadêmica: a condição organizacional da universidade contemporânea no qual abordamos as interfaces entre a globalização econômica, o reposicionamento do mercado e a força exercida sobre as universidades públicas. O objetivo é refletir sobre a atual condição organizacional da universidade frente às pressões da nova ordem capitalista e globalizada. Para o alcance desta empreitada retomamos a revisão de literatura e nela o fundamento para apontar indícios do deslocamento do *ethos* universitário à lógica do mercado.

Palavras chaves: Ensino Superior. Produtividade Acadêmica. Mercadorização da Universidade.

1 Introdução

A racionalidade econômica intensificada pelo modelo neoliberal provocou um avanço na Mercadorização da universidade pública interferindo no seu modelo de governança e provocando efeitos, dentre os quais, a alteração da sua missão e a forma de governo no desenvolvimento de pesquisa e do exercício da docência. Impôs uma lógica de controle externo aos serviços público no qual o Estado elabora as políticas públicas, financia sua realização segundo desempenho, regula a sua realização segundo mediação realizada por agências especializadas que atuam no controle e monitoramento do desempenho dos docentes.

Este texto reúne posicionamentos que analisam a condição da universidade neste tempo histórico no qual os efeitos da economia globalizada se impõe sobre os governos e instituições forçando o deslocamento da função universitária à adequação das imposições do mercado. Trata-se de um contexto marcado pela racionalidade econômica que valoriza a ciência técnico-científica, o progresso tecnológico e a produtividade, assumidas pela universidade à medida que investem na produção de pesquisa de interesse do financiador, se adequa a indústria editorial e aceita a avaliação do desempenho como medida de critérios substancialmente quantitativos.

Na revisão de literatura foi verificado consenso sobre as tensões que marcam a universidade, os efeitos da economia de mercado no deslocamento da sua função, a avaliação do desempenho como ajustador objetivo e subjetivo da docência no ensino superior e, conseqüentemente, o deslocamento *ethos* acadêmico.

2 Situando a temática sobre Universidade e a Mercantilização do Ensino Superior

Nas quatro últimas décadas o debate sobre a universidade foi intensificado, as críticas mais evidentes se voltam para a sua missão clássica e contemporânea, envolvendo questões de ordem ontológicas e epistemológicas associadas a aspectos político- econômico, cultural - social, além do científico. A gestão destas tensões mostraram-se pouco eficientes, dispersam os problemas, não geram respostas que superem problemáticas como: contradição entre a produção da alta cultura e a produção cultural média; a contradição entre a hierarquização de saberes especializados e as exigências sócio-políticas da democratização e da igualdade de oportunidades e a contradição entre a reivindicação da autonomia e a submissão crescente a critérios de eficácia e de produtividade de natureza empresarial (SANTOS, 2010, p.190). Para o autor, a natureza destas tensões são as crises pelas quais as universidades passaram mais intensamente depois da década de 1960, sendo, nomeadamente, a crise de hegemonia, legitimidade e a crise institucional as quais associa a forma de organização do capitalismo.

Lytard (2009) por sua vez, ao analisar o saber científico contextualizando a "crise da ciência", aponta para seu uso utilitário no qual se consolida o valor do saber, agravado neste cenário pós-moderno em que a formação informática e informacional passam a compor o saber científico. Dito de outra forma, o saber técnico-científico tem uma concepção de ciência operacional e de tecnologia intelectual como qualquer outra modalidade de conhecimento que nada mais é que um certo modo de organizar, estocar e distribuir certas informações. Esse contexto acaba por deslegitimar a finalidade da universidade e de legitimar "a administração da prova". A legitimação se destinada a obter "o consentimento dos destinatários da mensagem científica, passa assim a ser controlada por um jogo de linguagem onde o que está em questão não é a verdade mas o desempenhar, ou seja, a melhor relação input/output" (LYOTARD, 2009, p. 83).

Estes fatores subordinam o conhecimento ao mercado e intensificam o crescimento deste na educação superior com aceleradas alterações: aumento da competição nacional e internacional, financiamento e reputação, diversificação de cursos, programas e diplomas, aumento da autonomia e, nalguns casos, a isomorfização dos cursos para facilitar a mobilidade inter-institucional (FEDERKEIL, 2008, p. 219-220). Em consequência, se intensificam teorias da qualidade que advogam pelo alargamento da qualidade em todas as organizações e da revelação dos resultados e do valor que agrega à organização (BOGUE, 1998, p. 8-9).

As referências consultadas admitem que as tensões por quais passam as universidades têm relação direta com a força hegemônica do mercado somadas a uma valorização da cultura da qualidade, da excelência e da globalização que intensificam estas relações. Tem sido amplamente reconhecido que a globalização está afetando profundamente o ensino superior em todo o mundo, "talvez nenhum lugar tenha sido mais sujeito a esses processos de internacionalização e globalização do que a universidade" (TORRES; MORROW, 2000, p. 44). Sobre isso, Nóvoa (2014, p.10) fez denúncia pública sobre a indústria editorial e acusa a rendição da academia a grupos e movimentos que estão a "deter tendências dominantes no espaço universitário, a combater novas formas de organização acadêmica". A universidade ao se render as práticas de mercador determinou sua "identidade, princípios e práticas" (COELHO E CARVALHO, 2013, p.13).

Outras afirmações indicam que os macro fatores têm forçado a universidade a um reposicionamento ou adequação de sua missão ao contexto e as demandas específicas desta época (SANTOS, 2010; MARTINS, 2015; NÓVOA, 2014). Dito de outra forma, o ambiente de tarefas das instituições de ensino superior mudou em função de fenômenos da política econômica mundial em direção aos paradigmas neoliberais e pós-fordistas (MARTINS, 2014). Já as questões de ordem interna têm implicado na organização e gestão da política do ensino superior, financiamento, autonomia e gestão do tempo, currículo e qualidade que é inegavelmente urgente, na verdade, existem "muitos constrangimentos de natureza organizacional e gerencial que dificultam a realização da sua missão" (TEFERRA AND ALTBACH, 2004, p. 29-31) e, neste contexto de racionalização do setor da educação superior, os modelos de gestão assumem particular importância para controle e monitoramento da produtividade.

2.1. O governo das universidades públicas: a adequação a mercadorização A Gestão é a via que a Racionalidade Econômica adotou para promover a reforma nas organizações, conta com os recursos das novas tecnologias da informação e dos modelos avaliativos, fundamentalmente necessários para quantificar resultados, gerar estatísticas, responsabilizar os docentes e intensificar a produtividade que, gradativamente e conjuntamente, vão operando uma nova cultura organizacional objetiva e subjetiva (MARTINS, 2015)

Num contexto de ressignificações, a universidade vê-se diante de antagônicas articulações que associam a manutenção da sua função social de "resistência adequada ao mercado" e, do outro lado, o conflito organizacional no qual a avaliação de desempenho atua como forte mecanismo de controle e *accountability*, seguindo "critérios burocráticos dependentes das leis do mercado, do comércio e do marketing, e também da sua visibilidade midiática" (MARTINS, 2015, p. 407). Com efeito, o discurso que se propaga entre aqueles que governam a educação fortalecem a ideia de que é moderno adequar-se à busca incansável pela qualidade, eficiência, excelência, competitividade, viabilidade, palavras usadas recorrentemente para atingir certos objetivos, dentre os quais a "produção de efeitos estratégicos" (MARTINS, 2015, p. 409). O mercado conta como reforço linguístico para que as palavras acertem o alvo, [...] rendam, [...] produzam seus efeitos, é preciso dizer não apenas às palavras gramaticalmente corretas, mas palavras socialmente aceitas" (BOURDIEU, 1996, p.96) e, nesse sentido, induzir e estabelecer uma nova cultura organizacional estabelecida por uma espécie de apropriação objetiva que estabelece mecanismos concretos de controle e subjetiva que altera a alma dos professores ao valorizar sua performatividade (BALL, 2002).

As ações de adequação as imposições mercadológicas estão para além dos discursos, possuem mecanismos de sofisticada arquitetura executadas pelos organismos gestores nacionais, a exemplo da Capes e do Cnpq com seus regulamentos, critérios, indicadores e instrumentos avaliativos. Os efeitos são verificados na performance do professor, pela corrida por financiamento em empresas privadas, por quantitativos de publicações em revistas com indicadores de qualidade rubricados por agências de gestão da qualidade do ensino superior, pelos prêmios científicos que assegurem lugar no *ranking*, além da corrida aos congressos, sobretudo internacionais (MARTINS, 2015; NÓVOA, 2014; BALL, 2002). E o *ranking* estimula a competição e promovem a diferenciação, integra o quadro de avaliação nacional, gera debate sobre a qualidade da formação superior e estabelece a escolha.

Esse comportamento acadêmico traduz a atual função da universidade, "são empresas; a educação é serviço, o ensino e a investigação são oportunidades de negócio, os professores são profissionais de serviço ou consultores; os alunos são clientes" (MARTINS, 2015, p. 11). Essa condição se materializa com mais evidência a partir da sua produtividade, ranquear-se no topo e exibir nos seus sites e murais a manchete de excelência estatística como único indicador de qualidade sem, contudo, redimensionar a qualidade à sua função social.

A Universidade tem buscado se adequar ao mundo competitivo e globalizado, neste movimento, sua função e desempenho está atrelada a dinâmica econômica e política, com efeito, a razão instrumental tornou-se hegemônica e a serviço de uma mobilização tecnológica e mercadológica desenfreada (MARTINS, 2014). Tudo isso expressa uma reestratificação de assuntos acadêmicos, conhecimento e disciplinas sobre o aumento do valor de uso e do valor de troca do conhecimento específico na sociedade em geral, mas também, no surgimento do consumismo acadêmico que está ressignificando as relações entre instituições de ensino superior e seus clientes e partes interessadas (governos, indústrias, estudantes e suas famílias) (VAIRA, 2004, p.491).

Apontamentos finais

Entendemos a pesquisa bibliográfica como processual, mas, nessa etapa preliminar, embora não tenhamos condições de apresentar resultados, conseguimos compreender como a universidade vem se posicionando frente às pressões do mercado globalizado. Há fortes indícios de que, por intermédio da política e da gestão educacional, o ensino superior vem buscando adequar-se as novas demandas que, em larga medida, envolvem o financiamento privado, aumento da produtividade, acreditação, indústria editorial, deslocamento do *ethos* científico para o técnico-científico, etc. Estes direcionamentos políticos têm induzidos práticas inaceitáveis como: autoplagio, a autocitação ou o "fatiamento" de artigos; anuência com a indústria editorial; silenciamentos aos processos de avaliação de desempenho e de subordinação ao capital privado (NÓVOA, 2014, p.10)

Outros fatores refletem na forma como as relações intra-institucionais vêm se consolidando, geralmente mediadas por avaliações de desempenho que, de forma geral, tem causado uma relação pouco amigável, uma vez que a comunidade acadêmica pouco participa das elaborações que tem um mínimo de retorno institucional (MARTINS, 2015), mas que legitimamente têm favorecido o ranqueamento das instituições, principalmente quando enfatiza mais o aspecto da pesquisa e secundariza o ensino.

Autores com Ball (2012) chamam a atenção para os efeitos das Tecnologias Políticas as quais destaca o mercado, a capacidade de gestão e a performatividade e seus efeitos subjetivos gerados nos professores e gestores. A dimensão subjetiva é um aspecto que deve ser amplamente investigado uma vez que se percebe em algumas experiências com avaliação de desempenho, forte mudança nas práticas do professor universitário no sentido de adequação aos critérios estabelecidos pelas agências de acreditação como a Capes e o Cnpq.

Referência consultada

AFONSO, A. J. (2009). **Avaliação Educacional**: regulação e emancipação: para uma sociologia das políticas contemporâneas. 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

BALL, J. Stephen. **Reformas Escolas, Reformar Professores e os terrores da Performatividade**. Revista Portuguesa de Educação, vol. 15, n. 002, 2002.

BOGUE, E. G. **Quality assurance in higher education**: The evolution of systems and design ideals. *New Directions for Institutional Research*, p. 7-18, 1998(99).

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Editora da USP, 1996.

FEDERKEIL, G. **Rankings and quality assurance in higher education** *Higher Education in Europe*, n. 33(2-3), pp. 219-231, 2008.

LYOTARD, Jean François. **A condição Pós-moderna**. tradução: Ricardo. 12a ed. Corrêa Barbosa; posfácio: Silvano Santiago - 12a ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MARTINS, M. D. L. **A liberdade académica e os seus inimigos**. *Comunicação e Sociedade*, n. 27, pp. 405-420, 2015.

NÓVOA, António. **Em busca da liberdade nas universidades**: para que serve a investigação em Educação? *Revista Lusófona de Educação*, n.28, pp. 11-21, 2014

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 13.Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

PINTO-COELHO, Z., & Carvalho, A. **Academics responding to discourses of crisis in higher education and research**, 2013.

TEFERRA, D; ALTBACH, P. G. **African higher education**: challenges for the 21st century, *Higher Education*, Vol. 47, pp. 21-50, 2004

VAIRA, Massimiliano. **Globalization and higher education organizational change** A framework for analysis, *Higher Education*, n. 48, pp. 483–510, 2004.